

16 a 28 de FEVEREIRO DE 2018

As principais informações da
economia mundial, brasileira e baiana

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena de fevereiro, os destaques da conjuntura nacional foram: Indicadores do Banco Central e da FGV mostram crescimento da economia em 2017; segmento de transporte cresce em 2017; queda da confiança na Construção; menor déficit em transações correntes; queda na dívida pública federal; governo central tem superávit primário; desemprego aumenta no trimestre encerrado em janeiro de 2018. Na economia internacional os destaques foram: desaceleração do crescimento empresarial e da inflação na zona do euro; comércio exterior impulsiona crescimento da Alemanha no quarto trimestre; queda do PMI industrial da China.

Banco Central indica que economia brasileira cresceu em 2017

A economia brasileira completou o quarto mês consecutivo de crescimento considerando a métrica do Banco Central (IBC-Br) e fechou 2017 com crescimento de 1,04%. Em dezembro, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) apresentou elevação de 1,41%, vindo de variação positiva de 0,3% em novembro (dado revisado de 0,49%). Essa é a primeira variação positiva anual do IBC-Br desde 2013 e ajuda a reforçar o cenário de recuperação da atividade consolidado ao longo do ano. No quarto trimestre de 2017, em relação aos três meses anteriores, o indicador registrou alta de 1,26%, na série com ajustes. Em comparação com igual período de 2016, o crescimento foi de 2,56%. Em relação a dezembro de 2016, o índice teve alta de 2,14% (VALOR, 19/02/2018).

FGV indica crescimento do PIB em 2017

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, a soma de todos os bens e serviços produzidos no país, cresceu 1,0% em 2017 e atingiu o valor de R\$ 6,51 trilhões, segundo o Monitor do PIB da Fundação Getulio Vargas (FGV). Segundo a FGV, o indicador cresceu depois de dois anos de retração, com resultados positivos na agropecuária (12,8%), indústria (0,1%) e no setor de serviços (0,3%). Entre os segmentos da Indústria, a principal alta ficou com a Extrativa mineral (4,5%). A Construção teve a única queda dentro da Indústria (-5%). Entre os segmentos dos Serviços, o destaque ficou com o Comércio (1,8%). Também cresceram os grupos de Transportes (1,1%), Imobiliários (1%) e Outros serviços (0,7%). Tiveram queda os Serviços de informação (-1,7%), Intermediação financeira (-1,6%) e Administração pública (-0,6%). Sob a ótica da demanda, o consumo das famílias, com alta de 1,1%, e as exportações, com avanço de 6%, foram os responsáveis pelo crescimento da economia brasileira. Os investimentos tiveram queda de 1,9% e o consumo do governo recuou 0,5%. As importações cresceram 4,9% (AGÊNCIA BRASIL, 21/02/2018).

Transporte se recupera em 2017 e é único segmento de serviços a crescer no ano

Mesmo com a queda de 2,8% no volume do setor de serviços em 2017, o segmento de transportes mostrou recuperação e cresceu 2,3% no ano, primeira alta desde 2014. Os dados são da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada pelo IBGE, que apontou também uma variação positiva de 0,5% entre novembro e dezembro. Este foi o primeiro segmento de serviços a fechar um ano no positivo desde 2014, quando os serviços de informação e comunicação (4,8%) e o próprio transporte (3,1%) registraram crescimento. Em 2015 e 2016, por exemplo, o volume neste último segmento caiu 6,1% e 7,6%, respectivamente. As duas atividades que impulsionaram o segmento foram o transporte rodoviário e o aquaviário, que tiveram altas acumuladas em 2017 de 0,9% e 17,5%, respectivamente, enquanto armazenagem, serviços auxiliares e de correio cresceu 8,1%. Somente o transporte aéreo apresentou queda, com baixa de 19,4% no ano. Na comparação entre mês e igual mês do ano anterior, dezembro teve o primeiro resultado positivo para o setor de serviços após 32 meses. O crescimento de 0,5%, no entanto, ainda não é suficiente para apontar se essa é uma recuperação consistente do setor (IBGE, 16/02/2018).

Taxa de desocupação se mantém estável

Depois de dois trimestres em baixa, a taxa de desocupação se manteve em 12,2% no período de novembro de 2017 a janeiro de 2018, segundo informações da Pesquisa Nacional

por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) mensal divulgada pelo IBGE. O indicador foi, ainda, 0,4 ponto percentual menor que o registrado no mesmo período do ano passado, quando ficou em 12,6%. A taxa alcançou 13,6% no trimestre de fevereiro a abril, mas, desde então, havia acumulado quedas nos índices de maio a julho (12,8%) e de agosto a outubro (12,2%). Apesar da queda da taxa de desocupação na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, o número de empregados com carteira assinada segue em baixa (-1,7%). O grupo foi o único a cair nesse período, enquanto empregados sem carteira (5,6%) e trabalhadores por conta própria (4,4%) sustentaram o crescimento da população ocupada, que aumentou em 1,8 milhão de pessoas (2,1%) (IBGE, 28/02/2018).

Confiança da construção recua em fevereiro após oito meses de altas

A confiança da construção no Brasil interrompeu série de oito meses de melhora e recuou em fevereiro devido à piora das expectativas, mas não indica ainda mudança de tendência, apontou a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Neste mês, o Índice de Confiança da Construção (ICST) do país caiu 1,2 ponto e foi a 81,4 pontos. O resultado do ICST em fevereiro deve-se ao recuo de 3,2 pontos do Índice de Expectativas (IE-CST), para 92,7 pontos, pressionado principalmente pelo indicador que mede o otimismo dos empresários com a situação dos negócios nos seis meses seguintes. Já o Índice da Situação Atual (ISA-CST) subiu 0,6 ponto e foi a 70,5 pontos, nível mais alto desde julho de 2015. A FGV informou ainda que o Nível de Utilização da Capacidade (NUCI) do setor recuou 0,7 ponto percentual e foi a 65,5%. A confiança do consumidor brasileiro também caiu em fevereiro, diante do menor otimismo com o emprego (REUTERS, 26/02/2018).

Brasil tem menor déficit em transações correntes para janeiro em 8 anos

No mês passado, a conta corrente ficou negativa em 4,310 bilhões de dólares, com o saldo negativo em 12 meses passando a 0,44% do Produto Interno Bruto (PIB), informou o Banco Central. Trata-se do melhor resultado para janeiro desde 2009, quando o déficit ficou em 3,450 bilhões de dólares. Segundo o Banco Central, a balança comercial ficou positiva em 2,398 bilhões de dólares em janeiro, praticamente igual ao resultado visto um ano antes (2,505 bilhões de dólares), fator que tem ajudado o Brasil a continuar com setor externo mais robusto. Em janeiro, o saldo de remessas de lucros e dividendos feitas pelas multinacionais instaladas no Brasil ficou positivo em 222 milhões de dólares, frente ao déficit de 870 milhões de janeiro de 2017. No período, os gastos líquidos de brasileiros com viagens ao exterior ficaram negativos em 1,223 bilhão de dólares, frente a 918 milhões de dólares. O Banco Central informou ainda que os investimentos diretos no país (IDP) somaram 6,466

bilhões de dólares em janeiro. Para 2018, o BC prevê déficit de 18,4 bilhões de dólares, comparado ao rombo de 9,762 bilhões de dólares em 2017 (REUTERS, 26/02/2018).

Dívida pública federal cai em janeiro

A dívida pública federal do Brasil caiu 0,87% em janeiro sobre dezembro, a 3,528 trilhões de reais, divulgou o Tesouro Nacional. O movimento foi puxado pela baixa da dívida pública mobiliária interna, que também recuou 0,87%, a 3,405 trilhões de reais, sob a influência do resgate líquido de 55,53 bilhões de reais e da apropriação positiva de juros de 25,74 bilhões de reais. Ao mesmo tempo, a dívida externa teve redução de 0,76% no mês, a 122,85 bilhões de reais, na esteira da forte queda do dólar sobre o real. No primeiro mês do ano, o dólar acumulou retração de 4,05%, maior queda mensal desde julho passado, fechando abaixo de 3,20 reais com o mercado mais otimista diante da cena política local. Para 2018, o Plano Anual de Financiamento (PAF) estabeleceu um intervalo de 3,78 trilhões a 3,98 trilhões de reais para o estoque da dívida pública total. Em relação à composição, os títulos atrelados à taxa flutuante, como a Selic, encerraram janeiro em 32,43% do geral, acima dos 31,51% de dezembro. Para o ano, o objetivo no PAF é que esses papéis, representados pelas LFTs, respondam por 31 a 35% da dívida pública federal. Já os prefixados continuaram com maior peso na dívida, embora tenham diminuído sua representatividade a 33,80%, contra 35,34% em dezembro. Para 2018, a meta é de fatia de 32 a 36%. Por sua vez, os títulos indexados à inflação elevaram sua participação a 30,17% em janeiro, sobre 29,55% em dezembro, sendo que a referência para o ano é de 27 a 31%. Quanto à participação dos investidores estrangeiros na dívida mobiliária interna, essa parcela subiu ligeiramente para 12,41% em janeiro, ante 12,12% no último mês do ano passado (REUTERS, 26/02/2018).

Governo central tem superávit primário de R\$ 31 bilhões em janeiro

O governo central (Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central) registrou superávit primário de R\$ 31,069 bilhões em janeiro. Segundo os dados divulgados, o resultado de janeiro é reflexo de um superávit recorde de R\$ 45,696 bilhões do Tesouro Nacional, de um rombo também inédito de R\$ 14,454 bilhões na Previdência Social e de um resultado negativo de R\$ 173 milhões do Banco Central (VALOR, 27/02/2018).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Crescimento empresarial da zona do euro desacelera em fevereiro

O crescimento empresarial da zona do euro desacelerou mais do que o esperado neste mês, mas permanece forte uma vez que preços mais altos e a moeda mais forte impactam a região, mas as empresas apresentaram o maior nível de otimismo em ao menos cinco anos e meio, mostrou a pesquisa Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês). O PMI preliminar de fevereiro indica que o ritmo de crescimento registrado pela zona do euro em fevereiro, o mais forte em bem mais de uma década, perdeu força. O PMI Composto do IHS Markit caiu a 57,5 este mês. As empresas mostraram otimismo, com o subíndice que mede onde elas acreditam que a produção estará em um ano subindo a 68,3 de 68,0, nível mais alto desde que o IHS Markit começou a compilar os dados em julho de 2012. O PMI sobre o setor de serviços caiu a 56,7, de 58,0. A indústria também teve um mês mais fraco que o esperado, com o PMI do setor indo a 58,5 de 59,6, também igualando a projeção mais baixa na pesquisa. A expectativa era de 59,3 (REUTERS, 21/02/2018).

Inflação na zona do euro enfraquece em janeiro

A inflação ao consumidor na zona do euro enfraqueceu ligeiramente em janeiro, mas o núcleo dos preços ao consumidor observado pelo Banco Central Europeu (BCE) acelerou pela primeira vez em meses, mostraram dados da agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat. A Eurostat informou que os preços ao consumidor nos 19 países que usam o euro caíram 0,9% em janeiro sobre o mês anterior e subiram 1,3% sobre o mesmo período do ano anterior, confirmando a estimativa anterior e as expectativas do mercado. Mas os preços dos alimentos não processados avançaram 0,7% na base mensal e 1,1% na anual, enquanto os preços de energia saltaram 1,8 e 2,2% respectivamente. Sem esses dois componentes altamente voláteis – ou o que o BCE chama de núcleo da inflação e observa para as decisões de política monetária – os preços caíram 1,3% em janeiro sobre dezembro e subiram 1,2% em relação ao ano anterior, acelerando sobre a alta de 1,1% registrada em dezembro. O BCE tem comprado bilhões de euros em títulos governamentais da zona do euro no mercado para injetar dinheiro no sistema bancário e liberar maior crédito à economia, buscando aumentar a inflação para a meta de 2,0% (REUTERS, 23/02/2018).

Comércio exterior impulsiona crescimento da Alemanha no 4º trimestre

O comércio externo impulsionou a expansão de 0,6% da economia da Alemanha no quarto trimestre sobre o período anterior, impulsionando as expectativas de que o início de 2018 tenha sido forte. Os dados, que confirmaram a leitura preliminar, mostram que a economia alemã terminou o ano passado com força apesar da inabitual incerteza política em um país que se orgulha de sua estabilidade. A Alemanha ainda aguarda um novo governo cinco meses depois de uma eleição inconclusiva em setembro. Os conservadores da chanceler Angela Merkel e o Partido Social-Democrata (SPD) concordaram em formar uma coalizão, mas os membros do SPD ainda têm a chance de vetar esse acordo em uma votação. A Agência Federal de Estatísticas informou que as exportações avançaram 2,7% na comparação trimestral e as importações subiram 2,0%, portanto o comércio exterior contribuiu com 0,5 ponto percentual para o crescimento. Mas o consumo privado, que tem sido um pilar nos últimos anos, ficou estagnado, assim como o investimento em capital bruto. Os gastos do governo aumentaram, acrescentando 0,1 ponto percentual ao crescimento (*REUTERS, 23/02/2018*).

Queda no PMI industrial oficial da China

O indicador oficial da atividade industrial da China caiu acentuadamente em fevereiro, apontando para um arrefecimento do crescimento no setor de manufatura em um mês afetado pelo feriado. O índice oficial dos gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) do setor industrial caiu para 50,3% em fevereiro, de 51,1% em janeiro (*VALOR, 27/02/2018*).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 23 de fevereiro, a mediana das projeções do IPCA para 2018 recuou de 3,84% para 3,73%. Para 2019, a previsão se manteve em 4,25%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro aumentou a expectativa de 2,70% para 2,89%. Em 2019, a estimativa de crescimento se manteve em 3,00%. As expectativas do mercado, para a segunda quinzena de fevereiro de 2018, podem ser visualizadas nos dados do Relatório *Focus*, em parte, apresentadas na tabela a seguir,

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2018			2019		
	9 fev.	23 fev.	Comportamento	9 fev.	23 fev.	Comportamento
IPCA (%)	3,84	3,73	▼	4,25	4,25	=
IGP-M (%)	4,51	4,36	▼	4,30	4,40	▲
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,28	3,28	=	3,33	3,34	▲
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	6,75	6,75	=	8,00	8,00	=
PIB (% do crescimento)	2,70	2,89	▲	3,00	3,00	=
Produção Industrial (% do crescimento)	3,50	3,76	▲	3,08	3,35	▲
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-26,60	-26,60	=	-38,50	-38,80	▼
Balança Comercial (US\$ bilhões)	54,50	54,29	▼	45,00	45,00	=
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	80,00	80,00	=	80,00	80,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 23/2/2017.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
João Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
Eliana Maria Santos Boaventura

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Arthur Cruz

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES

Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Luisa Gouveia

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu



SECRETARIA DE
PLANEJAMENTO

